

O PAPEL DAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NA VIOLÊNCIA: ANÁLISE DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, SEXUAL, MORAL, PATRIMONIAL E FÍSICA

THE ROLE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES IN VIOLENCE: AN ANALYSIS OF PSYCHOLOGICAL, SEXUAL, MORAL, PATRIMONIAL, AND PHYSICAL VIOLENCE

EL PAPEL DE LAS SUSTANCIAS PSICOACTIVAS EN LA VIOLENCIA: UN ANÁLISIS DE LA VIOLENCIA PSICOLÓGICA, SEXUAL, MORAL, PATRIMONIAL Y FÍSICA



10.56238/MultiCientifica-057

Ana Carla Nunes do Nascimento Santos

Instituição: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sertão
Pernambucano

E-mail: anacarlanunes907@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9806-5096>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4078359580398724>

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre o consumo de substâncias psicoativas e manifestações de violência, como a violência psicológica, sexual, moral, patrimonial e física. O objetivo é compreender como o uso de substâncias influencia o comportamento violento. Utilizou-se uma metodologia mista, combinando questionários quantitativos aplicados a 42 participantes e análises qualitativas de respostas abertas. Os resultados indicam que, embora a maioria dos participantes não use substâncias, aqueles que o fazem têm maior propensão a comportamentos violentos. As conclusões ressaltam a necessidade de intervenções e políticas públicas que abordem essa inter-relação.

Palavras-chave: Substâncias Psicoativas. Violência. Violência Psicológica. Violência Sexual. Violência Moral. Violência Patrimonial. Violência Física. Saúde Pública. Políticas Públicas. Prevenção. Tratamento.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between the consumption of psychoactive substances and manifestations of violence, such as psychological, sexual, moral, patrimonial, and physical violence. The objective is to understand how substance use influences violent behavior. A mixed methodology was used, combining quantitative questionnaires applied to 42 participants and qualitative analyses of open-ended responses. The results indicate that, although most participants do not use substances, those who do have a greater propensity for violent behavior. The conclusions highlight the need for interventions and public policies that address this interrelationship.

Keywords: Psychoactive Substances. Violence. Psychological Violence. Sexual Violence. Moral Violence. Patrimonial Violence. Physical Violence. Public Health. Public Policies. Prevention. Treatment.



RESUMEN

Este artículo investiga la relación entre el consumo de sustancias psicoactivas y las manifestaciones de violencia, como la psicológica, sexual, moral, patrimonial y física. El objetivo es comprender cómo el consumo de sustancias influye en la conducta violenta. Se empleó una metodología mixta, combinando cuestionarios cuantitativos aplicados a 42 participantes y análisis cualitativos de respuestas abiertas. Los resultados indican que, si bien la mayoría de los participantes no consumen sustancias, quienes sí las consumen presentan una mayor propensión a la conducta violenta. Las conclusiones resaltan la necesidad de intervenciones y políticas públicas que aborden esta interrelación.

Palabras clave: Sustancias Psicoactivas. Violencia. Violencia Psicológica. Violencia Sexual. Violencia Moral. Violencia Patrimonial. Violencia Física. Salud Pública. Políticas Públicas. Prevención. Tratamiento.





1 INTRODUÇÃO

Introduzindo, as substâncias psicoativas têm desempenhado um papel significativo na dinâmica da violência em diversas esferas da sociedade. A relação entre o uso dessas substâncias e a ocorrência de violência psicológica, sexual, moral, patrimonial e física é complexa e multifacetada.

A violência, como definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), pode manifestar-se de diversas formas, incluindo o uso intencional de força ou poder contra si mesmo, outros ou comunidades. No contexto das drogas, essa violência pode se expressar através do uso de substâncias psicoativas, que pode levar a lesões, danos psicológicos, deficiências no desenvolvimento, privação e até mesmo à morte (BRASIL, 2025). Para tanto, a violência associada ao uso de substâncias psicoativas se expressa através de agressões interpessoais, auto agressão e consequências severas para a saúde pública.

Situando, estudos indicam que o uso de substâncias psicoativas pode estar associado a um aumento na agressividade e na impulsividade, fatores que podem contribuir para a perpetração de atos violentos. Segundo o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), a literatura aponta que o consumo de álcool e outras substâncias psicoativas é reconhecido como um dos principais fatores que aumentam o risco de violência, impactando tanto aqueles que cometem os atos violentos quanto suas vítimas. Sendo assim, observa-se que a violência psicológica, muitas vezes uma precursora de agressões mais evidentes, pode ser exacerbada por estados alterados de consciência, resultando em um ciclo de abuso que se torna difícil de romper.

Neste Cenário, os tipos de violência, conforme descrito pelo Instituto Maria da Penha, incluem a violência física, psicológica, sexual, moral e patrimonial, cada uma manifestando-se de formas distintas, mas todas tendo consequências graves para as vítimas, evidenciando a necessidade de uma abordagem abrangente para o enfrentamento desse fenômeno (IMP, 2023). Logo, esses fatores ressaltam a importância de estratégias de intervenção que considerem o uso de substâncias como um elemento central na prevenção da violência, promovendo a conscientização e o tratamento adequado para reduzir os riscos associados.

Corroborando com isso, a análise da violência em suas diversas formas, mediatizada pelo uso de substâncias psicoativas, é essencial para a compreensão da saúde pública e da segurança social. Como destaca Minayo et al. (1998), a relação entre drogas, álcool e violência é complexa e multifacetada, exigindo uma análise que considere não apenas os nexos causais, mas também os fatores contextuais e individuais que influenciam comportamentos violentos. Colocando, essa compreensão é fundamental para desenvolver estratégias eficazes que promovam a saúde pública e a segurança, além de garantir suporte adequado às vítimas e perpetradores, contribuindo para a redução da violência na sociedade.

Diante desse contexto, esta pesquisa justifica-se por suas contribuições teóricas ao aprofundar



o entendimento das interações entre substâncias psicoativas e violência, além de suas implicações práticas, ao sugerir estratégias de intervenção que considerem o uso de substâncias como um elemento central na prevenção da violência. O objetivo deste artigo é analisar as diferentes formas de violência em relação ao uso de substâncias psicoativas, promovendo a conscientização e o tratamento adequado para reduzir os riscos associados e garantir suporte efetivo às vítimas e perpetradores, contribuindo assim para a redução da violência na sociedade.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi concebido com uma abordagem metodológica mista, combinando pesquisa bibliográfica e análise documental com a aplicação de formulários para coleta de dados no município de Floresta, PE.

A pesquisa bibliográfica e a análise documental foram essenciais para construir uma base sólida sobre as interconexões entre substâncias psicoativas e diversas formas de violência (psicológica, sexual, moral, patrimonial e física), identificando teorias, leis e estudos relevantes. Autores como Minayo et al. (1998), Drezett (2003), e órgãos como a OMS e o Instituto Maria da Penha foram fundamentais para embasar a discussão.

A aplicação de formulários permitiu a coleta de dados quantitativos e qualitativos, oferecendo insights empíricos sobre as percepções dos participantes. A análise integrada buscou quantificar comportamentos e compreender as nuances do uso de substâncias psicoativas e a violência. Essa combinação de métodos assegurou uma compreensão abrangente do fenômeno, explorando a complexa relação entre o uso de substâncias e as formas de violência abordadas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

3.1. VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A violência psicológica é um fenômeno intrincado que frequentemente escapa à identificação, especialmente quando se apresenta de forma disfarçada. Embora muitas vezes não envolvem contato físico direto, suas consequências podem ser profundamente prejudiciais. Essa forma de agressão, em particular, se caracteriza por comportamentos manipulativos, críticas sutis, isolamento e outras táticas de controle que operam de maneira velada, dificultando para a vítima o reconhecimento do abuso (Passadori, 2024).

Nesse contexto, o uso de substâncias psicoativas pode agravar a situação, uma vez que alteram o comportamento do agressor e potencializam a violência psicológica, tornando a vítima ainda mais vulnerável e dificultando sua capacidade de reação e busca por ajuda.

Ademais, o conflito em relacionamentos sociais pode manifestar-se de diversas maneiras,



incluindo a violência em relacionamentos românticos. Além disso, existem obstáculos significativos que dificultam a implementação eficaz das leis relacionadas a essas questões (Rodgers, 2022). Para além disso, a violência psicológica, embora invisível e sutil, causa danos profundos à autoestima e ao bem-estar das mulheres, levando muitas a acreditarem que o abuso não é sério o suficiente para justificar uma intervenção (Cunha et al., 2017)

Consequentemente, a combinação da violência psicológica com o ambiente de abuso de substâncias pode criar um ciclo vicioso, onde a vítima se sente cada vez mais impotente e isolada, o que a impede de buscar ajuda e apoio. Essa situação sublinha a importância de conscientização e educação sobre a gravidade da violência psicológica, para que as mulheres possam reconhecer suas experiências como válidas e dignas de intervenção.

Corroborando com isso, a violência psicológica é um fator crucial no ciclo de abuso familiar, frequentemente atuando como um precursor para formas mais graves de violência, como a física. Embora esteja prevista na legislação brasileira, incluindo a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) e o Estatuto da Criança e do Adolescente, sua identificação e comprovação ainda enfrentam desafios no sistema jurídico. (Scalabrini, 2025). Como resultado, fica fundamental que a sociedade, autoridades e profissionais da saúde sejam capacitados para reconhecer os sinais de abuso psicológico, proporcionando suporte às vítimas e promovendo ambientes familiares mais seguros.

3.2 VIOLÊNCIA SEXUAL

Considerando, violência sexual é uma forma de abuso que pode ocorrer em diversas circunstâncias e afetar indivíduos de diferentes idades e gêneros. Ela se manifesta como um ato de violação da dignidade e da integridade da pessoa, podendo gerar profundos impactos psicológicos e emocionais nas vítimas. A literatura sugere que a violência sexual é um fenômeno complexo, muitas vezes interligado a outros tipos de violência e a fatores contextuais (Leite et al., 2025). Nesse sentido, o uso de substâncias psicoativas pode atuar como um catalisador ou facilitador para a ocorrência de violência sexual.

Neste cenário, a violência sexual é definida como qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, e atos de tráfico ou direcionados contra a sexualidade de uma pessoa, utilizando coerção, independentemente da relação com a vítima e do contexto em que ocorre, incluindo a casa e o trabalho. (Ferreira et al., 2025). Situando essa abrangência destaca a necessidade de uma compreensão profunda do fenômeno para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e apoio às vítimas

Para tanto, a violência sexual é uma grave violação dos direitos humanos, refletindo um problema sistêmico que afeta profundamente as vítimas. As evidências científicas indicam que essa forma de violência tem uma incidência alarmante entre as mulheres, resultando em consequências



severas para a saúde sexual e reprodutiva. Os impactos não se limitam apenas a danos físicos, mas também incluem traumas psicológicos que podem perdurar ao longo da vida. Contextualizando, esta realidade ressalta a urgência de políticas e programas de apoio que abordam tanto a prevenção quanto a recuperação das vítimas, promovendo um ambiente mais seguro e respeitoso para todos (Drezett, 2003).

Por sua vez, A violência sexual, conforme apresentada em estudos acadêmicos, é um fenômeno complexo que pode ocorrer em diferentes esferas da vida, como no ambiente doméstico ou de trabalho, e independe da relação entre o agressor e a vítima. Essa forma de violência abrange desde atos sexuais não consentidos até comentários e insinuações indesejadas, sempre envolvendo coerção. A compreensão dessa amplitude é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção eficazes (Drezett et al., 2001 apud Drezett, 2003).

Nesse contexto, o uso de substâncias psicoativas pode agravar a situação, já que a intoxicação pode reduzir a capacidade de julgamento e a percepção de risco, tanto para a vítima quanto para o agressor. Além disso, ambientes onde o consumo de drogas e álcool é comum podem criar uma cultura de permissividade em relação a comportamentos agressivos, tornando a violência sexual mais prevalente. Portanto, é crucial considerar a intersecção entre o uso de substâncias psicoativas e a violência sexual ao desenvolver políticas e programas que busquem prevenir e combater essa problemática.

3.3 VIOLÊNCIA MORAL

No que tange à violência moral, as substâncias psicoativas podem influenciar o comportamento de indivíduos de forma a afetar a moralidade e o respeito alheio. Essa modalidade de violência, que se manifesta por meio de calúnias, difamações ou injúrias, pode ser exacerbada pela alteração de consciência causada pelo consumo de drogas e álcool, levando a atos que desvalorizam a vítima e minam sua reputação. A compreensão de como essas substâncias impactam o julgamento e a capacidade de discernimento é crucial para entender a perpetração da violência moral em contextos de dependência química.

Mediante, a ONU (2019), a violência moral, como parte da violência de gênero, é uma questão crítica que se manifesta em várias formas, incluindo humilhações, desqualificações e controle emocional, prejudicando a autoestima e a autonomia das mulheres. Essa violência, muitas vezes invisível, pode preceder outras formas mais explícitas de agressão, como a violência física ou letal. A cultura patriarcal, que perpetua a desigualdade de gênero, contribui para a normalização desse tipo de abuso, tornando essencial a implementação de políticas eficazes e a conscientização sobre a importância de combater todas as formas de violência contra as mulheres (ONU, 2019).

Nesse sentido, a violência moral, por sua vez, manifesta-se através de ações que depreciam a



imagem e a honra da vítima, como calúnias, difamações e injúrias, incluindo a disseminação de boatos e falsas acusações, podendo ocorrer também no ambiente virtual, como no vazamento de fotos íntimas para vingança (Semip, 2023).

Por outro lado, o assédio moral pode ocorrer em diversas esferas, incluindo o ambiente de trabalho, familiar e social, manifestando-se por comportamentos que desvalorizam, humilham ou controlam a vítima, prejudicando sua dignidade e bem-estar emocional. Essa prática frequentemente é motivada por discriminações relacionadas a características pessoais, como gênero, idade ou raça, e pode ter consequências devastadoras na vida da pessoa afetada. Assim, a violência moral, que também impacta a moralidade e o comportamento da vítima, se relaciona estreitamente com o assédio moral, uma vez que ambas as formas de abuso afetam a dignidade e a saúde emocional, podendo resultar em danos significativos à vida da pessoa (BRAZIL, 2026). Para tanto, a exposição contínua a essas situações pode levar a sérios problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Assim, faz-se imprescindível implementar estratégias de prevenção e intervenção eficazes que considerem o impacto das substâncias psicoativas no combate ao assédio e à violência moral em todas as suas formas.

Como aponta Instituto Maria da Penha, a violência moral se manifesta por condutas que incluem calúnia, difamação e injúria, como acusar a mulher de traição, emitir juízos morais sobre suas ações, fazer críticas mentirosas, expor sua vida íntima, rebaixá-la com xingamentos que atacam sua índole e desvalorizá-la por seu modo de vestir. Essas ações prejudicam a dignidade e a autoestima da vítima (IMP, 2023). Reforça a ideia, de que o uso de substâncias psicoativas pode intensificar tais comportamentos, agravando o dano à dignidade e à autoestima da vítima.

3.4 VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

Mediante a Secretaria Estadual da Mulher e da Integração, a violência patrimonial é caracterizada pela retenção, furto ou destruição de bens materiais e objetos pessoais da mulher, incluindo documentos e instrumentos de trabalho, além do controle ou apropriação de dinheiro sem seu consentimento (SEMIP, 2023). Nesse cenário, o uso de substâncias psicoativas pode levar à apropriação, subtração ou destruição de bens da vítima, prejudicando sua estabilidade financeira e bem-estar.

Outra perspectiva dessa violência trata-se por sua vez de qualquer ato que subtraia ou destrua bens, documentos pessoais, instrumentos de trabalho ou recursos econômicos da vítima, conforme definido pela Lei Maria da Penha. (SENADO FEDERAL, 2024). Assim, esta forma de violência compromete a segurança financeira e a autonomia da mulher, impactando sua qualidade de vida.

Adicionalmente a violência patrimonial se caracteriza pela conduta do agressor que impede a mulher de utilizar o dinheiro que recebe pelo seu trabalho. Além disso, após o término do relacionamento, o agressor pode quebrar objetos da mulher, configurando o crime de dano, conforme



estipulado no Código Penal. Ele também estará sujeito às medidas protetivas previstas na Lei Maria da Penha (De Oliveira et al., 2022). O aspecto cognitivo, nesse contexto, o uso de substâncias psicoativas pode levar o agressor a controlar financeiramente a vítima, impedindo-a de usar seu próprio dinheiro, e a destruir seus bens como forma de punição ou controle. Assim, a dependência química pode potencializar a violência patrimonial, agravando o sofrimento e a vulnerabilidade da mulher.

Em virtude disso, conforme a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, a violência patrimonial é caracterizada por atos que envolvem a subtração ou destruição de bens, documentos pessoais, instrumentos de trabalho ou recursos econômicos da vítima. (BRASIL, 2026). Assim sendo, essa forma de violência compromete a segurança financeira e a autonomia da mulher, afetando sua qualidade de vida.

3.5 VIOLÊNCIA FÍSICA

A violência vai além das agressões físicas; ela também se manifesta de maneiras que ensinam a uma mulher a se retrair e a não se sentir segura (Jardim da Silva, 2025). Tal perspectiva destaca que a violência é multifacetada, incluindo formas psicológicas e emocionais que afetam a autoestima e a autonomia das mulheres, perpetuando ciclos de opressão.

Nesse contexto a violência física pode ser entendida como qualquer ação que comprometa a integridade ou a saúde do corpo feminino. Essa forma de agressão reflete um desrespeito profundo e uma violação dos direitos fundamentais da mulher (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ, 2025). Além disso, muitas vezes, essas agressões são parte de um ciclo de controle que perpetua a submissão e o medo.

Mediante o exposto, a violência física é reconhecida como um desafio significativo tanto social quanto para a saúde pública globalmente. No Brasil, esse tema tem gerado discussões entre diversos setores da sociedade, especialmente por suas implicações na qualidade de vida e na necessidade de atenção e cuidados de saúde (Santa, 2022). Além disso, essa forma de agressão pode contribuir para o uso de substâncias psicoativas, à medida que as vítimas buscam maneiras de lidar com o trauma e o estresse associados à violência.

Ademais, a violência física abrange ações que podem causar danos ao corpo, incluindo empurrões, chutes e tapas, bem como outras formas de agressão, como socos, puxões de cabelo e o lançamento de objetos. (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ, 2025). Outrossim, essas agressões podem resultar em lesões visíveis ou invisíveis. É crucial reconhecer e combater não apenas os danos visíveis, mas também as consequências emocionais e psicológicas que resultam desse tipo de violência.

4 RESULTADOS

A análise detalhada das respostas abertas e a subsequente discussão dos resultados,



apresentadas em gráficos de pizza e barra, permitiram aprofundar o entendimento sobre a complexa relação entre substâncias psicoativas e as diversas formas de violência. Conforme explorado na introdução e solidificado no referencial teórico, o uso dessas substâncias não apenas pode estar associado a um aumento na agressividade e impulsividade, mas também atua como um catalisador e agravante em todas as esferas da violência. Especificamente, a pesquisa corrobora a literatura ao evidenciar como o uso de substâncias psicoativas pode potencializar a violência psicológica, tornando as vítimas mais vulneráveis e dificultando a busca por ajuda; facilitar a ocorrência de violência sexual, reduzindo a capacidade de julgamento e o discernimento; exacerbar a violência moral, através de calúnias e difamações que afetam a honra e a reputação; e agravar a violência patrimonial, levando à apropriação ou destruição de bens. Adicionalmente, a violência física, reconhecida como um problema de saúde pública, pode ser tanto um resultado do ciclo de controle perpetuado pelo uso de substâncias quanto uma causa para o aumento do consumo como mecanismo de enfrentamento ao trauma. Assim, os resultados reforçam a necessidade de estratégias de intervenção que considerem o uso de substâncias psicoativas como um elemento central na prevenção e no combate a todas essas manifestações de violência, promovendo a conscientização e o tratamento adequado para reduzir os riscos associados e garantir suporte efetivo às vítimas.

4.1 ANÁLISE DETALHADA DAS RESPOSTAS ABERTAS E SUAS IMPLICAÇÕES

4.1.1 Você poderia descrever uma situação em que o uso de substâncias psicoativas levou a um incidente de violência?

O uso de substâncias psicoativas pode levar a diversas situações de violência. Por exemplo, muitos participantes mencionam a violência doméstica, onde conflitos familiares se intensificaram, resultando em agressões físicas ou emocionais entre parceiros. Além disso, o estado alterado de consciência pode aumentar a vulnerabilidade de indivíduos, levando a incidentes de violência sexual. Em ambientes sociais, como festas, o consumo excessivo de álcool frequentemente provoca discussões que rapidamente escalam para agressões físicas. Também há comportamentos criminosos impulsionados pelo uso de drogas, resultando em roubos e agressões em locais que deveriam ser seguros. Em casos extremos, a combinação de substâncias e violência pode culminar em mortes, afetando tanto vítimas quanto agressores. Por fim, muitos participantes destacam que não se sentem à vontade para relatar suas experiências de violência associada ao uso de substâncias, contribuindo para a perpetuação do problema e a falta de apoio.

4.1.2 Você já presenciou ou vivenciou situações em que a violência foi evitada devido à intervenção de alguém? Como foi essa experiência?

Como foi essa experiência? Alguns participantes responderam que sim, relatando experiências



em que intervenções de terceiros foram fundamentais para evitar a violência, como pessoas que acalmaram discussões acaloradas ou afastaram os envolvidos. Outros, no entanto, afirmaram que não presenciaram tais situações, refletindo a realidade de que muitas vezes a violência ocorre sem intervenção. Além disso, alguns participantes preferiram não comentar sobre suas experiências, o que pode indicar desconforto ou estigmatização em relação ao tema. Essa diversidade de respostas é relevante, pois ressalta a importância da intervenção comunitária na prevenção da violência, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de criar um ambiente seguro e acolhedor onde as pessoas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências.

4.1.3 Alguma outra observação ou comentário que você gostaria de fazer sobre este tema?

As respostas enfatizam a importância do apoio no julgamento, necessidade de atenção e apoio mútuo no tratamento e prevenção às substâncias psicoativas.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE GRÁFICOS DE PIZZA E BARRA

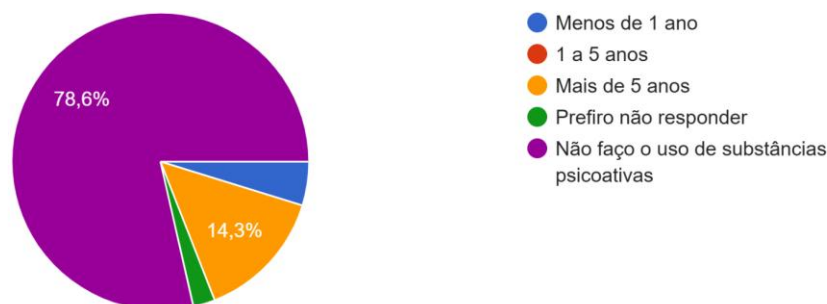
4.2.1 Tempo de uso de substâncias psicoativas:

Conforme exposto em gráfico, a maioria dos respondentes (78,6%) não usam substâncias psicoativas. Logo destaca-se, que a população pesquisada pode ter uma menor prevalência de problemas relacionados ao uso dessas substâncias.

Apenas uma pequena parcela (14,3%) usa há 1 a 5 anos, e uma parcela ainda menor usa há menos de 1 ano. Logo destaca-se a ideia de que a maioria dos respondentes não está envolvida no uso dessas substâncias

Figura 1

1. A quanto tempo você faz uso de substâncias psicoativas ?
42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).



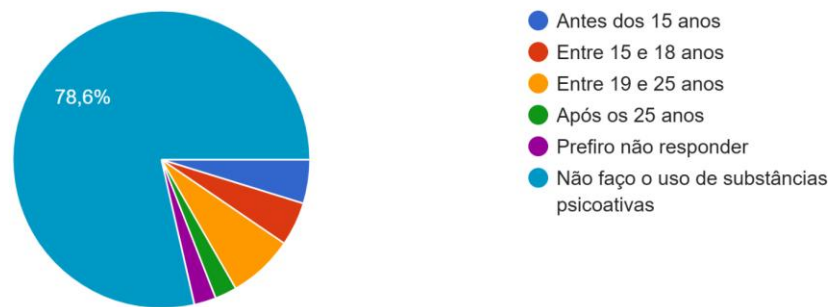
4.2.1.1 Faixa etária de início do uso de substâncias psicoativas:

Assim como destaca no gráfico a grande maioria (78,6%) não faz uso de substâncias psicoativas, isso é um ponto crucial, pois a ausência de uso precoce está associada a menores riscos de dependência, problemas de saúde mental e dificuldades no desenvolvimento.

Figura 2

2. Em qual faixa etária você iniciou o uso de substâncias psicoativas ?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

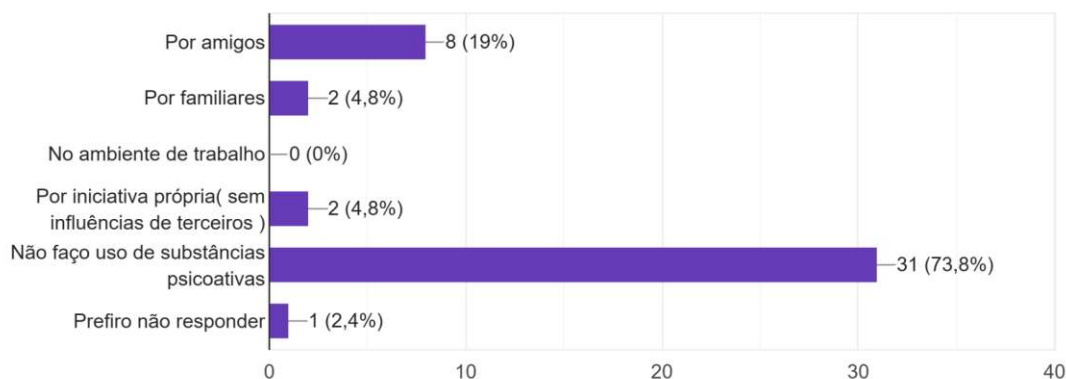
4.2.2 Contato com substâncias psicoativas:

De acordo com o gráfico, o principal meio de contato com substâncias psicoativas é através de amigos (73,8%), seguido por iniciativa própria (sem influências de terceiros) (2,4%). Contudo indica-se que o círculo social e a autonomia na busca pelo uso são fatores importantes na iniciação. O contato por familiares é baixo (4,8%), e o ambiente de trabalho é inexistente (0%).

Figura 3

3. Como você teve contato com substâncias psicoativas ? (Marque todas as opções que se aplicam)

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

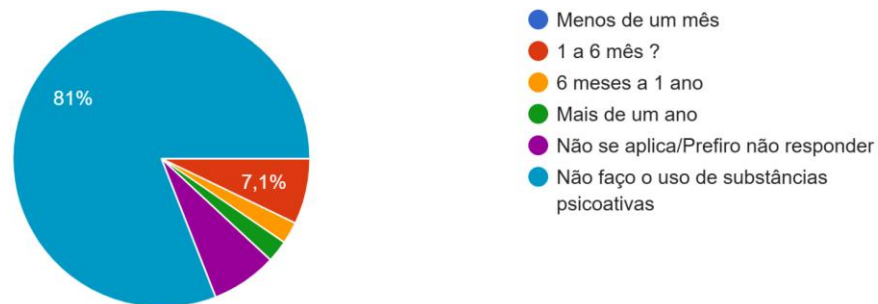


4.2.2.1 Tempo sem uso voluntário de substâncias psicoativas:

A partir do gráfico, é possível observar que uma esmagadora maioria (81%) não usa substâncias psicoativas. Apenas 7,1% passaram de 1 a 6 meses em uso. Isso demonstra a dificuldade significativa em manter a abstinência, sugerindo um alto nível de dependência ou recaída frequente entre aqueles que usam. As outras categorias (6 meses a 1 ano, mais de 1 ano) representam parcelas muito pequenas.

Figura 4

4. Quanto tempo no máximo já passou sem uso de substâncias psicoativas forma voluntária ?
42 respostas



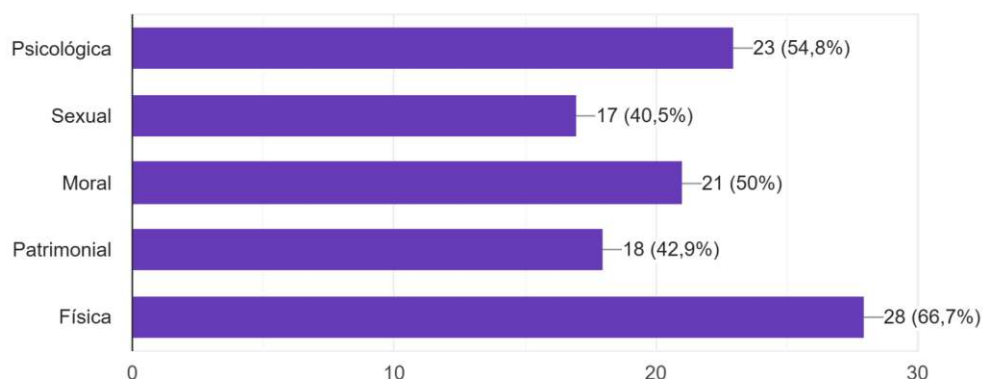
Fonte: Autoria própria (2026).

4.2.3 Tipos de violência associados ao uso de substâncias psicoativas:

Como aponta o gráfico, as violências mais frequentemente presenciadas ou ouvidas associadas ao uso de substâncias psicoativas são a física (66,7%) e a psicológica (54,8%). Em seguida, vêm a moral (50%), sexual (40,5%) e patrimonial (42,9%). Isso aponta para um forte vínculo entre o uso de substâncias e a ocorrência de diversas formas de violência, com destaque para a física e psicológica.

Figura 5

5. Quais tipos de violência você já presenciou ou ouviu falar associados ao uso de substâncias psicoativas ? (Marque todas as opções que se aplicam)
42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).



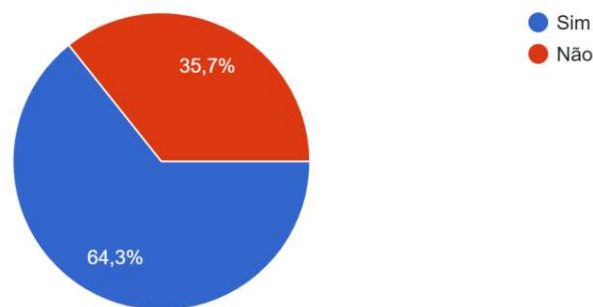
4.2.3.1 Conhecimento de envolvimento em violência devido ao uso de substâncias:

A seguir o resultado do gráfico destaca que uma parcela considerável dos respondentes (64,3%) conhece alguém que se envolveu em violência devido ao uso de substâncias psicoativas. Isso reforça a conexão entre o uso de substâncias e a violência na vida das pessoas.

Figura 6

6. Você conhece alguém que tenha se envolvido em violência devido ao uso de substâncias psicoativas?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

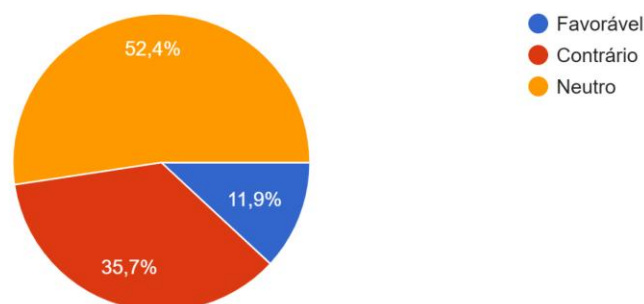
4.2.4 Opinião sobre a legalização da maconha:

De acordo com o gráfico, a maioria dos respondentes é neutra (52,4%) à legalização da maconha, seguida por aqueles que são contrários (35,7%) e uma pequena parcela favorável (11,9%). Este gráfico reflete uma divisão de opiniões sobre a política de drogas.

Figura 7

7. Qual é a sua opinião sobre a legalização de substâncias como a maconha?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

4.2.4.1 Participação em campanhas de prevenção:

Conforme o gráfico, a maioria dos respondentes (69%) não participou de campanhas ou

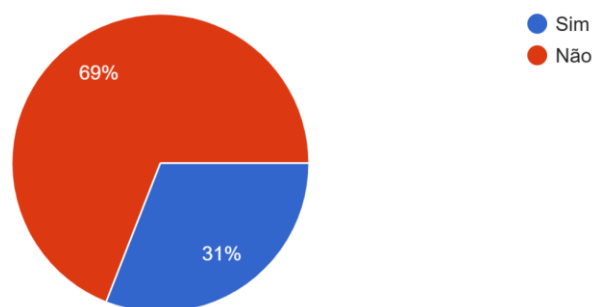


programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas. Evidencia-se portanto uma lacuna na oferta ou no alcance dessas iniciativas na população.

Figura 8

8. Você já participou de alguma campanha ou programa de prevenção ao uso de substâncias psicoativas?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

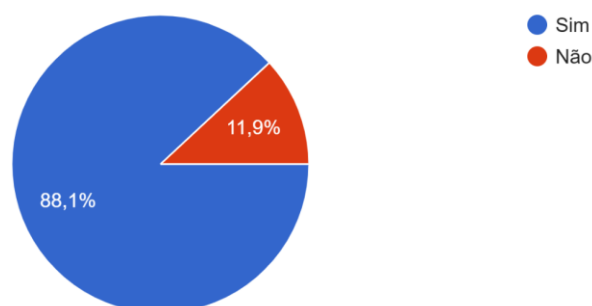
4.2.5 Acredita que educação sobre substâncias psicoativas reduz violência:

Diante do resultado do gráfico, uma grande maioria (88,1%) acredita que a educação sobre o uso de substâncias psicoativas poderia reduzir a violência. Com isso, indica uma forte percepção da importância da educação como ferramenta de prevenção e controle.

Figura 9

9. Você acredita que a educação sobre o uso de substâncias psicoativas poderia reduzir a violência?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

4.2.5.1 Frequência de notícias sobre violência e substâncias:

Após exposto no gráfico, a frequência mais alta de notícias sobre violência relacionada ao uso de substâncias psicoativas é frequentemente (47,6%), seguida por às vezes (38,1%) e sempre (9,5%).

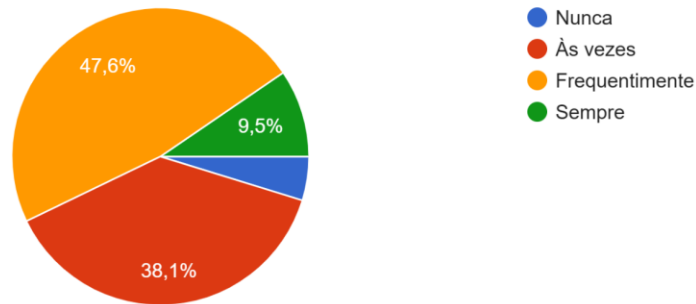


Isso sugere que a exposição a essas notícias é relativamente comum, mas não constante para a maioria.

Figura 10

10. Com que frequência você vê notícias sobre violência relacionada ao uso de substâncias psicoativas?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

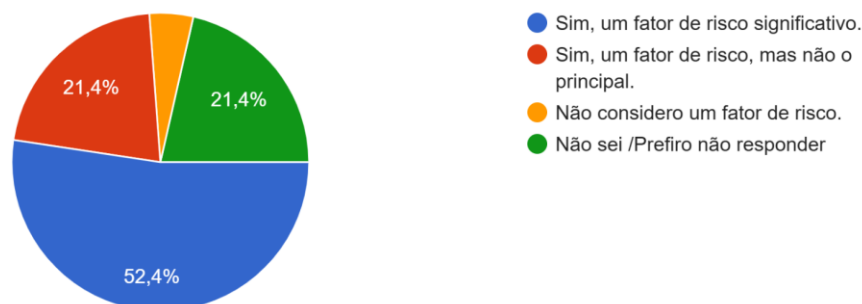
4.2.6 Substâncias psicoativas como fator de risco para comportamento violento:

Conforme destacado no gráfico A maioria dos respondentes (52,4%) considera o uso de substâncias psicoativas um fator de risco significativo para o comportamento violento. Outra parcela (21,4%) o considera um fator de risco, mas não o principal. Isso reforça a percepção da substância como um gatilho para a violência.

Figura 11

11. Na sua opinião, você considera que o uso de substâncias psicoativas pode ser um fator de risco para o comportamento violento das pessoas ?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

4.2.6.1 Medidas para reduzir a violência relacionada ao uso de substâncias:

Como exposto, este gráfico destaca que as medidas mais apontadas para reduzir a violência são Prevenção e Educação (81%) e Tratamento e Recuperação (66,7%). Políticas de Saúde Pública (50%)

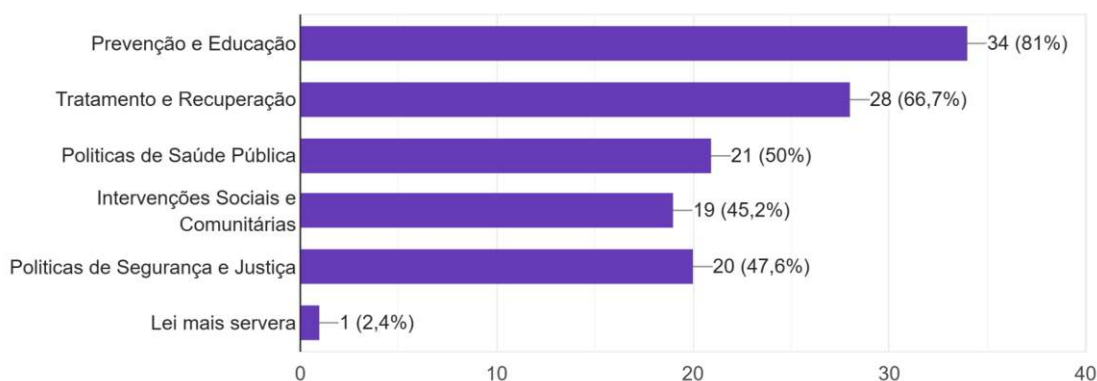


e Políticas de Segurança e Justiça (47,6%) também são consideradas importantes. Com isso, indica uma ênfase em abordagens preventivas e de tratamento.

Figura 12

13. Quais medidas você acredita que poderiam ser implementadas para reduzir a violência relacionada ao uso de substâncias psicoativas?(Marque todas as que se aplicam)

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

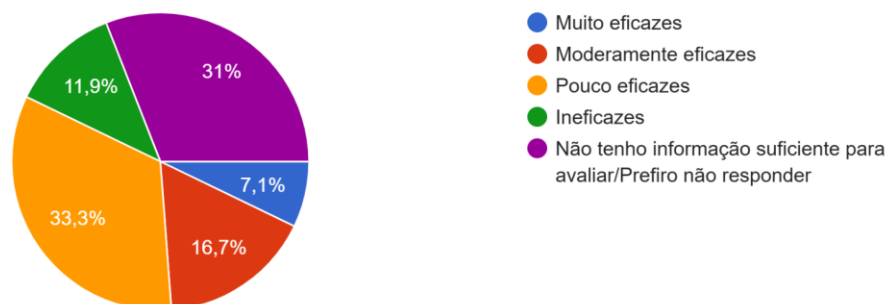
4.2.7 Avaliação da eficácia das intervenções atuais:

De acordo com o gráfico, a maior parte dos respondentes avalia as intervenções atuais como moderadamente eficazes (33,3%) ou pouco eficazes (16,7%). Uma parcela menor as considera muito eficazes (31%) ou ineficazes (7,1%). Assim, sugere que há uma percepção de que as estratégias atuais não são totalmente suficientes para lidar com o problema.

Figura 13

14. Como você avalia a eficácia das intervenções atuais para lidar com a violência associada ao uso de substâncias psicoativas?

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).



4.2.7.1 Tipo de apoio mais útil para pessoas com problemas de substâncias:

Conforme aponta o gráfico, o tipo de apoio mais considerado útil é o Tratamento Médico e psicológico (78,6%), seguido por Grupos de apoio mútuo (66,7%) e Suporte familiar e social (64,3%). Com tudo, demonstra a importância de abordagens multidisciplinares e de apoio social para a recuperação.

Figura 14



Fonte: Autoria própria (2026).

4.2.8 Consequências sérias do uso de substâncias nas relações interpessoais:

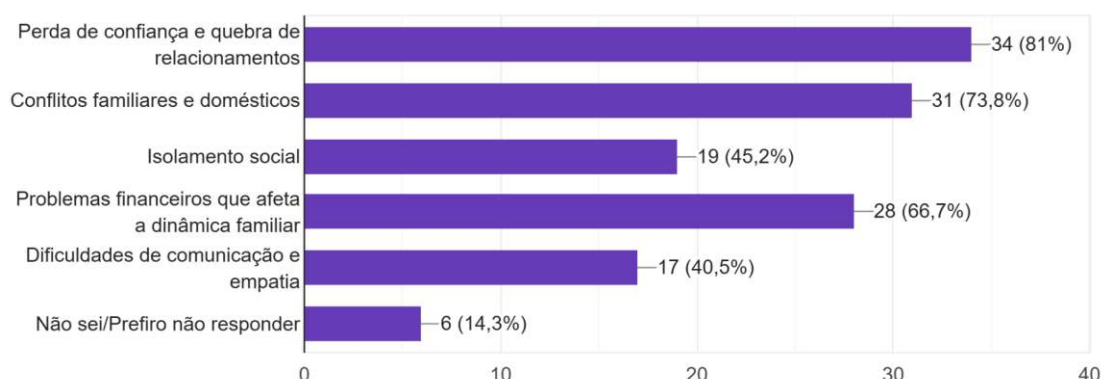
A partir do gráfico as consequências mais sérias apontadas são a perda de confiança e quebra de relacionamentos (81%) e conflitos familiares e domésticos (73,8%). Isolamento social (66,7%) e dificuldades de comunicação (40,5%) também são consequências importantes. Destaca-se portanto, o impacto devastador do uso de substâncias nas relações pessoais e familiares.



Figura 15

17. Quais são as consequências mais sérias que você acredita que o uso de substâncias psicoativas pode ter nas relações interpessoais?(Marque todas as que se aplicam)

42 respostas



Fonte: Autoria própria (2026).

5 CONCLUSÃO

A presente investigação debruçou-se sobre a complexa inter-relação entre o consumo de substâncias psicoativas e diversas manifestações de violência – psicológica, sexual, moral, patrimonial e física. Os achados revelam um panorama preocupante, onde o uso de psicoativos não apenas se correlaciona com um aumento da agressividade e da impulsividade, mas também atua como um catalisador e agravante em todas as esferas da violência. Embora a maioria dos participantes (78,6%) tenha declarado não fazer uso de substâncias psicoativas, essa informação não diminui a importância de se compreender as repercussões para aqueles que estão em situação de uso, ressaltando a relevância de estratégias de intervenção e prevenção.

A análise das respostas abertas e dos dados gráficos permitiu uma compreensão mais profunda de como o uso de substâncias pode intensificar a violência psicológica, dificultar a busca por ajuda, facilitar a ocorrência de violência sexual, exacerbar a violência moral e agravar a violência patrimonial. A violência física, por sua vez, foi reconhecida como um grave problema de saúde pública, sendo tanto consequência quanto gatilho para o uso de substâncias psicoativas. Os resultados reforçam a necessidade de posicionar o uso de substâncias psicoativas como um elemento central na prevenção e no combate a essas formas de violência, evidenciando a urgência de promover a conscientização e o acesso a tratamentos adequados.

A percepção predominante entre os respondentes de que a educação sobre substâncias psicoativas pode atenuar a violência (88,1%) corrobora a importância de abordagens preventivas e educativas. Isso sugere que a sociedade deve investir em programas de conscientização que informem sobre os riscos associados ao uso de substâncias e suas consequências nas dinâmicas interpessoais. Tais iniciativas podem servir como barreiras à normalização da violência e ao uso de substâncias,



promovendo um ambiente mais seguro e saudável.

As contribuições desta pesquisa são significativas tanto para a sociedade quanto para a academia. Para a sociedade, os resultados oferecem um alicerce sólido para a formulação de políticas públicas mais eficazes e direcionadas, que reconheçam a interconexão entre o uso de substâncias psicoativas e a violência. A constatação de que o contato inicial com substâncias ocorre majoritariamente por meio de amigos (73,8%) destaca a importância de intervenções que priorizem o círculo social. Além disso, a ênfase na prevenção, educação, tratamento e recuperação como medidas essenciais para a redução da violência sugere a necessidade de investimentos robustos nessas áreas.

Para a academia, este estudo enriquece o debate teórico sobre a relação entre substâncias psicoativas e violência, utilizando uma metodologia mista que combina dados quantitativos e qualitativos. Os achados podem servir como base para investigações futuras, explorando com maior profundidade os fatores contextuais e individuais que influenciam essa relação. A análise das diferentes formas de violência em relação ao uso de substâncias psicoativas aprofunda o corpo de conhecimento existente e pode inspirar novas linhas de pesquisa.

Entretanto, a pesquisa apresenta limitações que merecem ser reconhecidas. A amostra de 42 participantes, embora tenha gerado dados relevantes, pode não ser representativa de toda a população. A concentração geográfica dos respondentes pode influenciar os resultados. Além disso, a coleta de dados baseada em auto avaliações e questionários está sujeita a vieses de desejabilidade social, onde os indivíduos podem relatar respostas que consideram mais aceitáveis. A pesquisa se baseou em percepções e experiências relatadas, o que pode divergir da realidade objetiva.

Com base nas limitações e nos achados desta pesquisa, recomenda-se a realização de estudos com amostras mais extensas e heterogêneas, abrangendo diferentes faixas etárias e contextos socioeconômicos. A adoção de desenhos de pesquisa longitudinais é fundamental para acompanhar a evolução do uso de substâncias e a incidência de violência ao longo do tempo. Sugere-se também a utilização de métodos qualitativos mais aprofundados, como entrevistas semiestruturadas, para explorar as nuances das experiências dos indivíduos.

Por fim, expresso minha profunda gratidão a todos os participantes que compartilharam suas perspectivas e experiências. Um agradecimento especial vai aos empresários de empresas, profissionais do CREAS, colaboradores da Secretaria da Política da Mulher, integrantes de outras organizações, bem como à comunidade e às famílias de Floresta PE, cuja contribuição foi fundamental para a riqueza e o aprofundamento desta pesquisa.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. Enfrentamento à violência doméstica: entenda a violência patrimonial. 2026. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/institucional/ouvidoria/noticias-relacionadas-1/enfrentamento-a-violencia-domestica-entenda-a-violencia-patrimonial> . Acesso em: 12 de jan.2026.

BRASIL. Cartilha sobre discriminação e assédio moral e sexual. 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/guia-de-prevencao-ao-assedio-moral-e-sexual/cartilha-discriminacao-e-assedio-mte.pdf> . Acesso em: 12 de jan.2026.

BRASIL. Polícia Federal. Glossário de direitos humanos: outros tipos de violência. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/pf/pt-br/assuntos/glossario-de-direitos-humanos/outros-tipos-de-violencia> . Acesso em: 11 jan. 2026.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade; DE SOUSA, Rita de Cássia Barbosa. Violência psicológica contra a mulher: dor invisível. Volume IV, p. 232, 2017.

DE OLIVEIRA CAMARGO, Natália; DOS SANTOS, Franklin Vieira. VIOLÊNCIA PATRIMONIAL: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 11, p. 1136-1152, 2022.

DREZETT, Jefferson. Violência sexual contra a mulher e impacto sobre a saúde sexual e reprodutiva. Revista de Psicologia da UNESP, v. 2, n. 1, p. 15-15, 2003.

FERREIRA, Lázaro Marcelo Paes; CASTRO, Ruth Gato; DE LIMA, Huxlan Beckmam. EPIDEMIOLOGIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO AMAZONAS. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 7, n. 4, p. 1190-1201, 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório global sobre o estado do álcool e da saúde e o tratamento dos transtornos por uso de substâncias . https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/documentos/Global%20Status%20report%20on%20alcohol%20and%20health%202014_eng.pdf

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. The complexity of relations between drugs, alcohol, and violence. Vice-Presidência de Ambiente, Comunicação e Informação, Fundação Oswaldo Cruz, Av. Brasil 4.365, Rio de Janeiro, RJ 21045-900, Brasil; Instituto Fernandes Figueiras, Fundação Oswaldo Cruz, Av. Rui Barbosa 716, 5o andar, Rio de Janeiro, RJ 22250-020, Brasil. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xzcHYX4w88D36ZswRjLGVfB/?format=pdf&lang=pt>. 10 jan. 2026.

ONU. BRASIL. Da violência moral à letal: entenda como a violência de gênero prejudica as mulheres. 10 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/84751-da-viol%C3%A0ncia-moral-%C3%A0-letal-entenda-como-viol%C3%A0ncia-de-g%C3%AAnero-prejudica-mulheres> . Acesso em: 12 de jan. 2026.

PASSADORI, Luciana Soares. Violência psicológica velada: uma abordagem sobre a violência e os impactos. LinkedIn, 2024. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/viol%C3%A0ncia-psicol%C3%B3gica-velada-uma-abordagem-sobre-e-os-luciana-mpgxf> . Acesso em: 12 out. 2026.



INSTITUTO MARIA DA PENHA. 2023. Tipos de violência. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 10 jan. 2026.

JARDIM DA SILVA, Filipa. Violência é só física? O dia 25 de novembro não é apenas mais uma marca no calendário. LinkedIn, 25 nov. 2025. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/viol%C3%Aancia-%C3%A9-s%C3%B3-f%C3%ADsica-o-dia-25-de-novembro-n%C3%A3o- apenas-filipa-uknof> . Acesso em: 12 jan. 2026.

RODGERS, D. E. VIOLÊNCIA FÍSICA, SEXUAL E PSICOLÓGICA SEGUNDO A ANÁLISE CONCEITUAL EVOLUCIONISTA. *Cogitare Enferm*, v. 27, p. e82955, 2022.

SCALABRINI, Maria Isabella Balduino. As consequências jurídico sociais da violência psicológica na família. 2025.

SECRETARIA ESTADUAL DA MULHER E DA INTEGRAÇÃO PARANÁ. 2026. Denunciar violência patrimonial, moral ou psicológica contra a mulher. Disponível em: <https://www.semipi.pr.gov.br/servicos/Servicos/Seguranca/Denunciar-violencia-patrimonial-moral-ou-psicologica-contra-a-mulher-ElodqANv> . Acesso em: 12 de jan. 2026.

SANTA, ANÁLISIS DE VIOLENCIA FÍSICA EN. ANÁLISE DA VIOLÊNCIA FÍSICA EM SANTA CATARINA, BRASIL. *ANÁLISE*, v. 16, n. 1-JAN, 2022.

SENADO FEDERAL. Mulher vítima de violência patrimonial pode ter prioridade para obter documento. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/12/13/mulher-vitima-de-violencia-patrimonial-pode-ter-prioridade-para-obter-documento> . Acesso em: 12 de jan. 2026.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO CEARÁ. Formas de violência. 2025. Disponível em: <https://www.tjce.jus.br/mulher/formas-de-violencia/> . Acesso em: 12 jan. 2026.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARANÁ. Identificando a violência doméstica. 2025. Disponível em: <https://www.tjpr.jus.br/web/cevid/identificando-violencia-domestica> . Acesso em: 12 jan. 2026.

LEITE, Gilmiéri Silva Reis et al. Atendimento a pessoas em situação de violência sexual: dados de um serviço de referência do Maranhão. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 25, n. 5, p. e20313-e20313, 2025.